

**Pensando em ordem/caos na feira-livre: notas sobre o higiênico, o “limpo/sujo” e o improviso**

---

Márcio Nicory Costa Souza<sup>I</sup>

**Resumo:** Este texto é produto de uma pesquisa, realizada entre os anos de 2006 e 2011, sobre a Feira de São Joaquim, feira-livre localizada na Cidade Baixa, em Salvador, Bahia. A partir da observação direta por meio de várias incursões ao sítio da Feira, entrevistas com feirantes e consumidores, buscamos a compreensão de algumas representações sobre o sujo, puro/impuro etc. a partir das práticas comerciais de feirantes. Recorrendo também ao aporte teórico da Antropologia/Sociologia, a partir de autores como Bauman, Douglas e Schutz, procuramos construir um entendimento sobre as tensões que se desdobram a partir das diferentes concepções sobre o higiênico, o limpo/sujo, e a ordem ou “caos” subjacentes às condutas sociais.

**Palavras-chave:** Feira-livre; improviso; ordem; pureza; sujeira

**Abstract:** This text is the result of a research, carried out between 2006 and 2011, on the Feira de São Joaquim, fair located in the Cidade Baixa, in Salvador, Bahia. From direct observation through various forays to the Fair site, interviews with merchants and consumers, we seek to understand some representations about the dirty, pure / impure etc. from the business practices of merchants. Also using the theoretical framework of Anthropology / Sociology, from authors such as Bauman, Douglas and Schutz, we seek to build an understanding of the tensions that unfold from the different views on the toilet, the clean / dirty, and the order or "chaos" underlying social behavior.

**Keywords:** Fair; improvisation; order; purity; dirt

Artigo recebido em 07/01/2015 e aprovado em 02/09/2015.

## 1. Introdução

Perseguimos neste trabalho a compreensão de uma temática específica da Sociologia/Antropologia Social: as representações ou noções subjacentes aos hábitos de higiene, as concepções ou suposições tácitas sobre sujo, puro, impuro etc. embutidas nas condutas sociais no comércio, a partir de diferentes situações ou posições biográficas determinadas, seja como comerciante, consumidor ou fiscal sanitário. Bem como a noção de ordem e “caos” implícita às interações entre os diferentes atores sociais num espaço de comércio popular como a Feira de São Joaquim.

Para tal, detemo-nos, descritivamente, nas observações diretas feitas sobre trocas comerciais na feira-livre de São Joaquim, sobre o cotidiano da Feira, localizada num istmo do aterramento de parte da Cidade Baixa, em Salvador, Bahia. Feira esta detentora de uma longa e intrincada participação/atribuição ou papel na história do comércio/abastecimento como *locus* de provisão ou pólo aglutinador e dispersor de mercadorias da cidade da Bahia e de sua hinterlândia imediata, o Recôncavo Baiano. Ancora-nos, nesta exposição, além de trabalho de campo, embasamento teórico a partir de autores como Mary Douglas, Zygmunt Bauman e Alfred Schutz.

## 2. Puro e impuro: concepções e hábitos divergentes

“A reflexão sobre a impureza implica uma relação sobre a relação entre a ordem e a desordem, o ser e o não-ser, a forma e a ausência dela, a vida e a morte.”

(Mary Douglas)

A primeira vista, talvez numa segunda, terceira vista... mas, principalmente para um visitante esporádico, o fluxo de carrinhos-de-mão carregados, pedindo licença, “ó a frente, ó a frente...”; de pranchas com pilhas de mercadorias; o vai-vem de pessoas e comerciantes, e sacolas plásticas ou de náilon, mocós; caminhões entrando apertado pelas ruas fazendo alguns feirantes ajustar, encolhendo e expandido suas bancas ou barracas; os restos e resíduos de alimentos, carnes, vísceras, cascas, frutas apodrecidas ou descartadas, despencadas dos arranjos do transporte interno; alguns cães zanzando e farejando por comida; filetes de chorume ou de águas servidas pelos bares e comerciantes de verduras, frutas e carnes, pode parecer um “caos”, uma bagunça, uma “desordem só”. Talvez também não só ao visitante esporádico, mas ao consumidor mais exigente, frequentador regular. A esses olhos, São Joaquim é marca do improvisado, do “calço”, do “armengado”. É também da imundície, da porcaria, da sujeira. Como se as coisas não estivessem nos seus devidos lugares ou permanecem por muito tempo, gerando incômodos resíduos, odores, desagrado.

A sujeira é antes de tudo topográfica ou topológica, nos ensina Mary Douglas<sup>II</sup>, e no seu rastro, recuperando suas considerações, Bauman<sup>III</sup>. Não o disse nestes termos, mas noutros ao associar sujeira/poluição à ordem/desordem. “[...] a impureza é essencialmente desordem. [...] A impureza é uma ofensa contra a ordem. Eliminando-a, não fazemos um gesto negativo; pelo contrário, esforçamo-nos positivamente por organizar o nosso medo”<sup>IV</sup>.

Estar sujo/impuro é estar fora do lugar, por isso topográfico. “A impureza absoluta só existe aos olhos do observador”<sup>V</sup>. E sua percepção é socialmente relativa. A impureza é “qualquer coisa que não está no seu lugar”<sup>VI</sup>. Não isolada, mas eminentemente social, a idéia de impuro é algo relativo. Não são os aspectos intrínsecos das coisas que as transformam em sujas, impuras, mas sua localização, exatamente sua localização em uma ordem de coisas idealizada. Por isso, como ressalta Bauman<sup>VII</sup>, as coisas “sujas” num contexto podem se tornar puras se dispostas noutra situação.

Estes sapatos não são impuros em si mesmos, mas é impuro pô-los sobre a mesa de jantar; estes alimentos não são impuros em si, mas é impuro deixar os utensílios de cozinha num quarto de dormir ou salpicos de

MÁRCIO NICORY COSTA SOUZA

comida num fato; os objectos da casa de banho não estão no seu devido lugar se estiverem na sala de visitas; o mesmo é válido para as roupas abandonadas sobre uma cadeira; para as coisas da rua que estão dentro de casa para objectos do primeiro andar que estão no rés-do-chão; para as roupas de baixo que aparecem onde devia aparecer roupa de cima, e por aí adiante.<sup>VIII</sup>

Assim, a pedra que, como um “calço”, isola a pata do suíno do contato com o chão (“sujo”) antes da futura condição de “mocotó” com a esfoliação, responde ao cuidado higiênico do açougueiro, mesmo aos arrepios dos olhos dos técnicos sanitários. São as sutilezas dos hábitos higiênicos de um feirante de vísceras, Seu Antônio, 43 anos, e nos remete às combinações, estratégias ou invenções, ao “calço” que isola, e significa um cuidado em aproximar, mas não encostar o alimento no chão. Um cuidado higiênico – talvez para um olhar desavisado e pré-conceituoso – não tão evidente ou eficaz, ineficiente às exigências sanitárias, mas revelador de uma idéia de sujeira e limpeza, e certamente, topográfica.

O “calço” improvisador, ajustando, na medida do possível e das idéias de pureza-limpeza-asseio, às condições de exercício profissional, ao contrário de bagunça, descaso, de “ser de qualquer jeito”, revela obediência, desde que não haja intencionalidade ou má-fé escamoteadora, a padrões de aceitabilidade das condições de oferta e uso da mercadoria manipulada.

O caso de Seu Edvaldo, que vende vísceras – coração, fígado, olhos, vergalhão, “sapata” e testículos de boi, carneiro etc. – numa banca, é ilustrativo dessas relações. Aos arrepios da legislação sanitária, não uma, mas algumas vezes, Seu Edvaldo manipulava, durante a entrevista, redispunha, organizando as “peças”, como nomina generalizando a variedade, sobre a lâmina de papelão pardo. As vísceras que oferta são utilizadas para obrigações religiosas e também para o consumo, geralmente ferventadas ou cozidas em pratos feitos com miúdos. Foi-nos interessante observar o cuidado do feirante em arranjar as vísceras, além de redispôr, inclusive “descartando” (ou “descansando”) num isopor com gelo ao lado da banca, cuidando para limpar os sucos que escorriam do degelo. E mais, a escolha da “face” do papelão para utilizar como superfície de disposição das vísceras, é igualmente sintoma de um cuidado higiênico. Não é a parte externa da caixa originária, exposta, “contaminada”, pintada pelas tintas das letras que se desprendem e podem marcar as mercadorias, mas a parte “lisa”, sem marcações de tinta, interna e menos revolvida. Eis os “calços” improvisadores de Seu Edvaldo e de tantos outros feirantes.

Se o sujo, o puro-impuro, é social, são construções sociais que ditam padrões de comportamento, o nojo também não é natural. Dessa forma, há prescrições, comportamentos adequados, esperados, que, quando violados, denotam impropriedade, “incivilidade”, e são constrangedoras, repugnantes, desaprováveis, rechaçáveis.

Dizer que alguma coisa ou alguma atitude ‘dá nojo’ tem um significado social no interior das relações humanas: ao evitar o contato com a pessoa ou objeto que provoca a sensação de nojo, o sujeito age a partir de uma definição social, de que tal objeto é nojento ou nauseante.<sup>IX</sup>

Por isso, o simples contato com as vísceras, seja nas condições descritas ou não, incita nojo, repugnância, e, como tal, denota um juízo de valor em relação à atitude. Juízo este, como se sabe, variável ao longo da história.

Muitas das atitudes que consideramos ‘naturais ou lógicas’, seja porque obedecem às idéias sobre higiene, ou simplesmente ao bom senso, têm uma história, ou seja, originam-se há alguns séculos e vieram a se tornar o que são hoje depois de um longo processo de formação, desenvolvimento e propagação por toda a sociedade.<sup>X</sup>

Históricas e produto da socialização ao longo das gerações e das relações entre as classes sociais, as práticas de higiene, donde brotam o decoro e os limites de aceitabilidade, as noções de sujeira e pureza-impureza, o nojo, nos levam a percepção de um ordem, de um ordenamento, de regramento, de uma organização no aparente caos.

MÁRCIO NICORY COSTA SOUZA

Ser ou não apropriado remete à questão do contato, seja visual ou olfativo. Eis “o problema: o nojo e o constrangimento suscitados são indicadores de proximidade e de distância estabelecidas socialmente com as secreções e os excrementos”<sup>XI</sup>. Há lugar ou lugares para tudo. É uma questão de expectativa quanto ao lugar. No caso das feiras, a composição do imaginário ou do mundo pré-fabricado – como coletânea de imagens e estoque de conhecimentos a mão, mobilizáveis ou orientadores de ações/expectativas<sup>XII</sup> – é também fruto da experiência-vivência, assim como da maneira ou como esses lugares são apresentados em veículos propagadores: televisão e rádio, por exemplo, ou os próprios usuários. Espera-se encontrar resíduos ou similares no chão da Feira, o que é evitado, sanado, higienizado com rapidez quando ocorre em supermercados. O lugar ou a lógica de ocupação do espaço conforma expectativas e regula o constrangimento ou desconforto por parte do usuário. Dessa forma, as exigências são moduladas por estes. Mais uma vez, o problema é topográfico. E o grau de repugnância e tolerância é modulado pela expectativa com o lugar: a Feira ou o supermercado. Ora, como nos ensina Alfred Schutz, o estoque de conhecimentos é constituído e alimentado no cotidiano. Ele é composto por inúmeras incoerências, é algo aberto, flexível. Comporta zonas de maior ou menor clareza, comporta elementos mais ou menos relevantes conforme o contexto. Como algo constituído na vida cotidiana, ele não é necessariamente lógico, rigorosamente ordenado, nem totalmente fechado, como um conjunto de pressupostos abstratos arranjados de maneira precisa, organizada. Como nada homogêneo, o estoque de conhecimento apresenta uma estrutura especial. O conhecimento está distribuído em zonas de maior ou menor relevância. Em cada estoque, há um núcleo de conhecimento mais claro, conciso e consistente, que compõe as zonas de maior familiaridade. A este se circunscrevem outras zonas com gradações variantes em que este conhecimento vai se tornando mais vago, rarefeito, ambíguo e um tanto obscuro. Daí, seguem as zonas em que se concentram os preconceitos, as crenças cegas, as superstições, adivinhações, e, em seguida, as zonas de total ignorância. Esta compõe a metáfora topográfica de Schutz para descrever as zonas de conhecimento para as quais convergem-divergem nossas atenções seletivas.

Relevantes ou não, ou mais ou menos, nas condutas certas coisas, por isso, podem parecer óbvias e inquestionáveis. Daí, por exemplo, limpar ou cuidar é ou não importante, relevante, como procedimento para exposição da mercadoria/alimento. Assim como as formas como se processam o asseio ou apresentação das mercadorias. Por isso, pode (e há) certo “choque de realidades”, ou choque entre níveis de relevâncias num encontro de um agente sanitário e um feirante de vísceras (tal qual descrevemos acima). Achamos que os outros vêem o mesmo, ou semelhantemente, o que vemos. Tomamos as nossas experiências como típicas, isto é, achamos que o outro vê como nós, o que nós vemos. É o que Schutz denomina de “permutabilidade de pontos de vista”. Isso explica o nojo, a “vergonha ou constrangimento pelo outro”. Como se pudéssemos nos colocar no lugar do outro e pudéssemos (ou devêssemos) agir pela ou como a pessoa. Essa “perspectiva recíproca” é fundamento da ordem, da segurança e confiabilidade. A constatação, inclusive cotidiana, no trânsito por diferentes situações, da não reciprocidade é matéria do estranhamento, da insegurança, do desconhecido – e insumo da intolerância, desconfiança, descrédito, preconceito, estereótipo.

Dessa forma, conhecer ou punir são duas faces do controle, para mudar ou para sanar. Assim, o que é rotineiro, composição de hábitos “tradicionais”, arraigados, de higiene e manipulação dos alimentos, pode se tornar perigoso, “imundo”, “inseguro”, “comprometedor”; e seus agentes, “criminosos”, vigiáveis, passíveis de controle – inaceitáveis, pessoas e condutas. Na Feira, certos comércios são rotulados de tal forma. E nesse jogo, procedem por parte dos feirantes e ambulantes o empenho em estratégias performáticas, astúcias, malabarismos de sobrevivência<sup>XIII</sup>.

Ao “calço” das combinações e adaptações dos feirantes em São Joaquim, na sua visualidade de improvisação e sujeira, lodo etc., põem-se o “encalço” dos poderes públicos, das instâncias autorizadas, nas suas competências, por meio de medidas sanitárias.

Na Feira, as três esferas de poder público têm parcialmente domínio sobre o espaço, o patrimônio e as atividades. Como o espaço da Feira se trata de terra de Marinha, a União tem

MÁRCIO NICORY COSTA SOUZA

domínio sobre o solo ocupado, além da condição em curso de efetivação da Feira como patrimônio imaterial e sua gestão, de competência do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional - IPHAN; a prefeitura é responsável pela regulamentação das atividades da Feira, bem como doutras feiras-livres e comércio de rua, pela emissão de alvarás, concessões/permissões de uso, licenciamento etc. – assim como pela fiscalização e regulamentação das atividades (Regulamento de feiras e mercados; códigos de polícia administrativa etc.); e, a esfera Estadual que assume a responsabilidade pelas intervenções infra-estruturais, sua coordenação e fiscalização, dotando o Governo de direitos sobre o uso dos ativos da Feira. Contudo, é o *Sindifeira* e a *Asindferp* que exercem a gestão da Feira de São Joaquim, ainda que não aja delegação formal das instâncias públicas para tal. Grosso modo, são essas instituições representativas que estão na linha de frete e que detêm, principalmente o Sindicato, a autoridade moral e a legitimidade da maioria dos feirantes. O Sindicato, fundado em 1946, ainda nos tempos da Feira de Água de Meninos, é representativo das categorias de ambulantes e de feirantes de outras feiras da cidade. Nas palavras de um informante:

“Qualquer feira de Salvador. Agora, com São Joaquim ele tem uma relação... como eu te disse, para além de Sindicato, o Sindifeira atua na Feira de São Joaquim como administrador de fato daquela área. Essa atua se dá muito por conta da ausência do poder público na história da Feira e o Sindicato acabou assumindo esse papel, o que contribuiu para a permanência da Feira e a existência da própria Feira.”

“O Sindicato atua ou deve atuar como defensor dos interesses dos feirantes, com relação até... principalmente junto aos órgãos públicos, isso no seu papel de sindicato e, no seu papel de administrador, o sindicato, ele atua desde a transferência dos, da propriedade dos estabelecimentos, que na verdade é uma posse, uma posse, então as transferências são feitas no sindicato, sobre as vistas do sindicato, que registra, que emite um documento de que aquela transação foi feita entre tais e tais pessoas, e mantém um histórico disso, um registro, **e é reconhecida inclusive pelos poderes públicos, a justiça solicita a manifestação do sindicato para questões cíveis, de separação, de herança e de alguns embates, entre os ditos donos do estabelecimento.** Até a solução de alguns problemas mais imediatos que a feira suporta, que a feira sofre em um dado momento, o sindicato, antes de se chamar qualquer um outro órgão, o feirante chama o sindicato. Muitas vezes nem chama o órgão que deveria chamar, ele espera que o sindicato resolva todos os problemas da feira, as vezes até uma falta de luz, uma falta de água, um tubo quebrado no meio da feira o sindicato é chamado a resolver.”

“[...]o sindicato **atua até como juiz de paz em conflitos existentes com os feirantes**, é quem estabelece às vezes, que registra alguns abusos da construção, reforma de estabelecimentos dentro da Feira, e aí determina, estabelece algumas determinações, buscando manter uma determinada ordem, e diversas vezes faz um reordenamento de espaços dentro da feira, ou sozinho ou em parceria com os órgãos da prefeitura, a própria SESP, a Secretaria de Serviços Públicos, a secretaria que está mais no dia-a-dia do feirante, da feira. [grifos nossos]

O sindicato é a entidade, segundo informantes, que procura estar mais perto dos feirantes, mediando, acompanhando, assistindo. Há, como dissemos, legitimidade dos feirantes à atuação como representação e dos próprios órgãos públicos. Situação esta inclusive retratada no filme de Roberto Pires, “A Grande Feira”<sup>XIV</sup>, quando o sindicato é representado numa cena, que se passa num bar dentro da Feira, como um dos agentes do processo de deslocamento da Feira de Água de Meninos para a enseada de São Joaquim.

Ao longo dos anos – e mesmo antes, ainda sobre a Feira de Água de Meninos – desde o deslocamento para a nova enseada, são recorrentes manchetes em jornais tais como: “Uma feira à espera de limpeza”; “Feira mais popular da capital perde clientes: lama, sujeira e falta de infraestrutura afastam clientes da tradicional São Joaquim ”; “Feiras sem higiene”; “Ação do CCZ não acaba ratos em São Joaquim”; “Sujeira afasta consumidores da feira de São Joaquim”; “São Joaquim, a maior feira-livre do país, vive no lixo”; “Feira-livre: tropical mistura de frutas, lixo, gente e lama”; “Feira de São Joaquim está ameaçando a saúde do povo”; “Lama, lixo e confusão já

MÁRCIO NICORY COSTA SOUZA

começam a dominar Feira de São Joaquim, entre outras tantas, mais antigas, referidas à Feira de Água de Meninos, e mais próximas de nossos anos<sup>XV</sup>.

Nestas matérias, e em outras ainda mais específicas, a Feira, e mesmo as feiras, aparecem como lugares infestados de “objetos fora do lugar”, de coisas “as quais ‘o lugar certo’ não foi reservado em qualquer fragmento da ordem preparada pelo homem”. São as “baratas, moscas, aranhas ou camundongos”, “hóspedes não convidados, que não podem, desse modo, ser incorporados a qualquer esquema de pureza”. É sempre preciso “queimá-las, envenená-las, despedaçá-las, passá-las a fio de espada”<sup>XVI</sup>. Somam-se a esses “intrusos” visíveis, aquelas coisas que se tornam mais ameaçadoras e exigem altíssima vigilância: os micróbios, germes, bactérias e vírus, invisíveis, camuflados, disfarçados aos olhos nus, “essa categoria de coisas que nada se acha a salvo, inclusive a busca mesma da salvação”.

O poder municipal, ao longo desses anos, na sua face sanitária, pelos órgãos de competência, a Vigilância Sanitária e a Secretaria de Serviços Públicos, aparece como disciplinar, no sentido que define Michel Foucault, visando controlar, enquadrar, organizar, submeter, vigiar, formatar, fazer fluir, sujeitar. Segundo este autor, o controle, a disciplina, a vigilância médico-sanitária deve cuidar, deve “ser um filtro, um dispositivo que afixa e quadricula; tem que realizar uma apropriação sobre toda essa mobilidade e esse formigar humano, decompondo a confusão de ilegalidade e do mal”<sup>XVII</sup>.

Nas duas últimas décadas, encontramos em levantamento na Secretaria de Serviços Públicos – SESP, em torno de 12 ações e projetos visando a organização e reordenamento da Feira e de outros espaços de comércio. No “encalço” da Feira, aparecem medidas de controle sanitário, decretos municipais (11.725, de 09 de dezembro de 1997 e 11.611), regulamentação das feiras-livres do município<sup>XVIII</sup>. Todas são iniciativas à aparente desordem, desregramento daquele espaço, que vêem a Feira como terreno dos “miasmas”, das pestilências, e entende que é preciso empreender, tal qual o corpo humano, uma guerra contra micróbios, germes, locados na água, no ar, nos alimentos, nas mãos e nos genitais, no “corpo social”.

“A cultura prevalece muito mais que a legislação”, mo disse um inspetor sanitário referindo-se a dificuldade de cumprimento da legislação sanitária na Feira. São hábitos arraigados. O traquejo e manejo dos alimentos, por exemplo, são soluções aprendidas e reproduzidas no cotidiano que nem sempre estão disponibilizadas, inclusive por viabilidade, à permuta. Em algumas situações, como nos revelou um técnico da vigilância, não há desconhecimento dos procedimentos “adequados” às normas, nem ignorância a riscos ou periculosidade no consumo sob certas condições de armazenamento e manipulação.

Teles, estudando outra feira soteropolitana, a Feira do Japão, percebeu o quanto tensas são essas intervenções de cunho sanitário. O desencontro entre as noções de sujeira, puro e impuro, dos agentes da vigilância sanitária e dos feirantes é marcante. Para a autora, “o conhecimento científico e as preconizações normativo-sanitárias não influenciam a concepção dos feirantes sobre o ‘sujo’ e o ‘limpo’”. E “as práticas das instituições primam pelo seu caráter coercitivo e punitivo, são imposições estatais que em nada contribuem para a construção das práticas higiênicas e visões de mundo dos feirantes”. A autora percebeu também o quanto a Feira do Japão é um espaço de poder. Ao lado do discurso higienista, legitimador da intervenção no espaço, Teles afirma que o Estado e os feirantes travam uma luta pelo espaço. “Através da lei e da norma, a Prefeitura (de Salvador) tentar regular os indivíduos: sua vida, seu comportamento, suas práticas e relações. Os feirantes resistem, transpondo os limites que lhes são impostos, invertendo a ordem que lhes é imposta”<sup>XIX</sup>.

Estudos como estes<sup>XX</sup> relevam que há um “diálogo de surdos” entre fiscais e feirantes, que há um estranhamento por parte dos feirantes às normas e ao conhecimento científico, por ser desconhecido seu sistema simbólico<sup>XXI</sup>. Por isso, procedem reinterpretações, ajustes, combinações e reaproveitamentos, como as descritas por nós. Outras regulamentações ou normas, segundo a autora, são apenas reproduzidas e não compreendidas pelos feirantes.

E as resistências abundam. E se não poderíamos chamá-las assim, pelo menos podemos dizer que são combinações. O trabalho de Teles, assim como outros<sup>XXII</sup> já sinalizavam para as práticas

MÁRCIO NICORY COSTA SOUZA

que expressam resistências às inovações sanitárias, por exemplo – mas principalmente – as combinações, ajustes e desajustes: é a “força das formas”<sup>XXIII</sup>, isto é, “uma certa vida própria que as diferentes formas sociais e ideológicas adquirem com o desenvolvimento do capitalismo”<sup>XXIV</sup>.

Assim, ilustram as resistências ou combinações as vitrines refrigeradas para armazenamento e exposição higiênica de carnes e vísceras que, desligados das fontes de energia, se tornam “armários” permanentes; as pranchas e escorredouros para o gelo liquefeito que se tornam mostruários de “carne verde”, carne quente e com impressão de recente (e proibido, ilegal) abate ou calhas para o sangramento de frangos etc.

### 3. Considerações finais

As incursões numa feira-livre como São Joaquim oportuniza a todos uma miríade de sensações. Conforme os propósitos de quem para lá se dirige, seja qual for a regularidade (ou mesmo excepcionalidade), parece ser consenso que é um rico lugar para riquíssimas experiências organolépticas. São múltiplos focos e atrativos, numa tessitura barroca, aos olhos; múltiplos sabores para os mais acostumados ou exigentes paladares; e, múltiplas sonoridades para todos os tipos de ouvido.

Aos propósitos deste pesquisador, destacamos neste texto uma das dimensões cotejada e analisada à luz da teoria social contemporânea que diz respeito às concepções/noções de sujeira, de sujo, puro, impuro, e dos sentidos de ordem e caos associados a eles na percepção dos espaços e na manipulação dos bens comerciais que os compõem – habilitando-nos ao recurso de metáfora: como um mosaico vivo, dinâmico.

Portanto, inscrevem-se às práticas comerciais dos feirantes noções de higiene e limpeza que combinam ou compõem uma ordem constituída/revelada/inscrita ao fazer, nas práticas e, principalmente, na intersecção com outros atores sociais, tais como os agentes de representação política e de vigilância/inspeção sanitária. Mas, também há reciprocidade às práticas e propósitos à mão dos consumidores. Tudo isso tece nas práticas e nos discursos que o significam e constroem possibilidades de entendimentos à perspectiva sócio-antropológica e compreensão das tensões e atritos nas interações sociais cotidianas na Feira.

### Notas

<sup>I</sup> Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS/UFBA, Licenciado em Ciências Sociais e Bacharel em Sociologia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Professor de Sociologia do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA. E-mail: [mnciso@hotmail.com](mailto:mnciso@hotmail.com). Este texto foi reorganizado a partir de fragmentos da dissertação de mestrado do autor (SOUZA, 2010). Versão preliminar deste texto foi publicada nos Anais do VII CONNEPI.

<sup>II</sup> DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**: ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Lisboa: Edições 70, 1991.

<sup>III</sup> BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. “A pureza é uma visão das coisas colocadas em lugares diferentes dos que elas ocupariam, se não fossem levadas a se mudar para outro, impulsionadas, arrastadas ou incitadas; é uma visão da ordem – isto é, de uma situação em que cada coisa se acha em seu justo lugar e em nenhum outro.” (p. 14)

<sup>IV</sup> DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**: ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Lisboa: Edições 70, 1991. (p. 6-7)

<sup>V</sup> DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**: ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Lisboa: Edições 70, 1991.

<sup>VI</sup> DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**: ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Lisboa: Edições 70, 1991. (p. 30)

<sup>VII</sup> BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama.

<sup>VIII</sup> DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**: ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Lisboa: Edições 70, 1991. (p. 30)

<sup>IX</sup> PIMENTA, Melissa de Mattos; OLIVEIRA, Régia Cristina. Os constrangimentos do corpo na interação social: o nojo. In: MARTINS, José de Souza et alli. **Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1999. (p. 137-138)

<sup>X</sup> PIMENTA, Melissa de Mattos; OLIVEIRA, Régia Cristina. Os constrangimentos do corpo na interação social: o nojo. In: MARTINS, José de Souza et alli. **Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1999. (p. 137)

- <sup>XI</sup> PIMENTA, Melissa de Mattos; OLIVEIRA, Régia Cristina. Os constrangimentos do corpo na interação social: o nojo. In: MARTINS, José de Souza et alli. **Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1999. (p. 140)
- <sup>XII</sup> Para Schutz, toda experiência e interpretação do mundo cotidiano circunda ou baseia-se num estoque de experiências anteriores a ele, às nossas próprias experiências e àquelas transmitidas pela educação por nossos pais e professores. Todas elas funcionam como um código de referência, e como tal, servem-nos como orientação, como guia, e aparecem sob a forma de um conhecimento à mão. “*Um estoque de conhecimento à mão que [...] Serve [ao homem na vida diária] como um código de interpretações de suas experiências passadas e presentes, e também determina sua antecipação das coisas que virão*” (SCHUTZ, 1979, p. 74). Como “esqueminhas” para a vida, todo este estoque é particular, tem história, fora construído por nossos predecessores e do qual nós tomamos posse, reproduzindo, retendo ou **ajustando**.
- <sup>XIII</sup> Refiro-me aos estudos de Normando Mello (2007) e Ostrower (2007).
- <sup>XIV</sup> Referência ao filme: **A grande feira**, de 1961. Com direção de Roberto Pires; Fotografia de Hélio Silva; Produção de Glauber Rocha. Com duração de 105 minutos. A Feira de Água de Meninos foi uma feira-livre anterior à Feira de São Joaquim que foi acometida por um incêndio em 1964. Grande parte dos feirantes que constituíram a Feira de São Joaquim é constituída pelos despojados do sinistro a partir de sucessivos deslocamentos na mesma enseada.
- <sup>XV</sup> Referem-se a títulos de matérias do jornal A tarde entre os anos de 1968 a 2005.
- <sup>XVI</sup> BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. (p. 14-15)
- <sup>XVII</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 35 ed. Petrópolis: Vozes, 2008. (p. 130)
- <sup>XVIII</sup> Listamos e relacionamos alguns desses projetos em outros trabalhos: SOUZA (2008).
- <sup>XIX</sup> TELES, Ana Cláudia Venegeroles de Sá. **Hábitos higiênicos**: uma etnografia da higiene na Feira do Japão, Liberdade. Salvador, 2006. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, UFBA-ISC-Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva. (p. 130)
- <sup>XX</sup> TELES, Ana Cláudia Venegeroles de Sá. **Hábitos higiênicos e norma sanitária**: um estudo etnográfico na feira do Japão. In: ALVES, Maria das Graças Hortélio (Org.). **Coletânea de monografias do curso de especialização em saúde coletiva com concentração em vigilância sanitária**. Salvador: DIVISA/ISC, 2004.
- TELES, Ana Cláudia Venegeroles de Sá. **Hábitos higiênicos**: uma etnografia da higiene na Feira do Japão, Liberdade. Salvador, 2006. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, UFBA-ISC-Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva.
- <sup>XXI</sup> Ver: TELES (2006).
- <sup>XXII</sup> Cf. os trabalhos de VEDANA, 2004; SOUZA, 2005; MELO, 2007.
- <sup>XXIII</sup> Cf. GUTERMAN; LEFEBVRE, 1979 apud MARTINS, 2008.
- <sup>XXIV</sup> Esta discussão é desenvolvida em artigo “Nos rastros para pensar a cidade: de metáforas à reflexão sobre a condição urbana” (SOUZA, 2013). A expectativa de “conexão obrigatória”, ou tendência à homogeneização, a linearidade, teve na prática (ou nas práticas) que as dimensões econômica e social-institucional não se desenvolvem encontradamente, não estão emparelhadas, nem ritmicamente harmônicas. “Quanto mais o capitalismo cresce globalmente e se amplia espacialmente, mais autonomia as formas sociais parecem ganhar” (MARTINS, 2008, p. 36)

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**: ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Lisboa: Edições 70, 1991.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 35 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MELO, Normando Jorge de A. “**Não contavam com a minha astúcia**” – ensaio sobre uma experiência de cidade. Recife, 2007. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Antropologia da UFPE.
- MARTINS, José de Souza. As hesitações do moderno e as contradições da modernidade no Brasil. In: MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

OSTROWER, Isabel Milanez. As fronteiras de um mercado em trânsito. **26<sup>a</sup> Reunião Brasileira de Antropologia – ABA**, dia 01 a 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

OSTROWER, Isabel Milanez. “**Fazendo do limão uma limonada**”: moralidades, estratégias e emoções entre vendedores ambulantes nos ônibus do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Museu nacional, UFRJ, Programa de pós-graduação em Antropologia Social.

PIMENTA, Melissa de Mattos; OLIVEIRA, Régia Cristina. Os constrangimentos do corpo na interação social: o nojo. In: MARTINS, José de Souza et alli. **Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SCHUTZ, Alfred. Bases da Fenomenologia. In: \_\_\_\_\_. **Fenomenologia e relações sociais**. Textos escolhidos de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. Parte I.

SOUZA, Márcio Nicory Costa. **A Feira e a cidade num contexto de intervenções urbanas**. Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Ciências Sociais. Salvador: PPGCS-UFBA, outubro de 2008 (mimeo).

SOUZA, Márcio Nicory Costa. **Velhos trabalhadores em velhas atividades**: a trajetória de feirantes de Água de Meninos-São Joaquim. Salvador, 2005. Monografia de conclusão de curso pelo Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH-UFBA).

SOUZA, Márcio Nicory Costa. **A teia da Feira**: um estudo sobre a feira-livre de São Joaquim, Salvador, Bahia. Salvador, 2010. Dissertação de Mestrado. PPGCS/UFBA.

SOUZA, Márcio Nicory Costa. Nos rastros para pensar a cidade: de metáforas à reflexão sobre a condição urbana. **Opará**: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação, Paulo Afonso, ano 1, vol. 2, jun./dez. 2013

TELES, Ana Cláudia Venegeroles de Sá. Hábitos higiênicos e norma sanitária: um estudo etnográfico na feira do Japão. In: ALVES, Maria das Graças Hortélio (Org.). **Coletânea de monografias do curso de especialização em saúde coletiva com concentração em vigilância sanitária**. Salvador: DIVISA/ISC, 2004.

TELES, Ana Cláudia Venegeroles de Sá. **Hábitos higiênicos**: uma etnografia da higiene na Feira do Japão, Liberdade. Salvador, 2006. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, UFBA-ISC-Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva.